

Eleguá

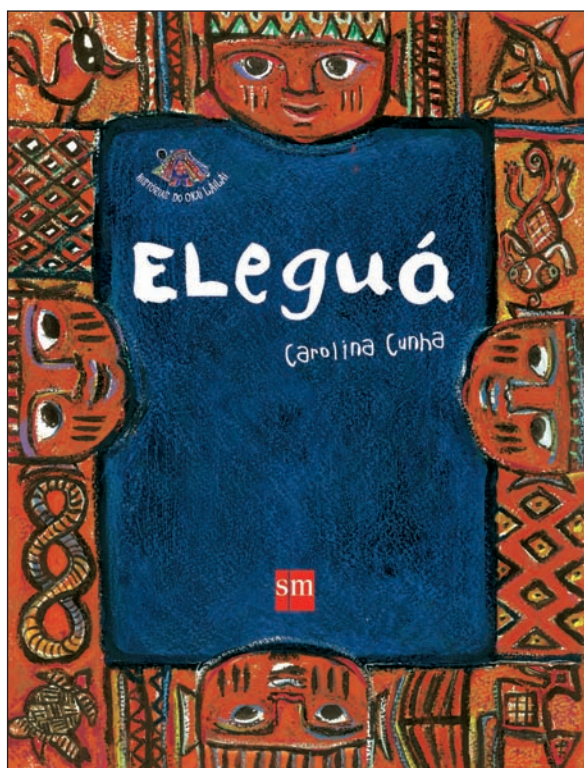
Carolina Cunha

Ilustrações da autora

Temas África; Cultura afro-brasileira; Cultura yorubá



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



64 páginas



A AUTORA E ILUSTRADORA Carolina Cunha nasceu em Salvador, a cidade mais africana do Brasil. Sua infância e mocidade foram marcadas por inesquecíveis viagens ao místico Recôncavo baiano, especialmente à cidade de Cachoeira (onde é mais forte a presença dos africanos jêjes), e à Ponta da Areia, na Ilha de Itaparica (que abriga o mais antigo culto aos eguns yorubás). Mas foi quando conheceu o babalaô Pierre Fatumbi Verger (1902-1996) e Cici Ibijare, a Otun Iyá Elefun do culto de Oxalá no terreiro Ilê Axé Opô Aganju, que Carolina decidiu escrever histórias de orixás. Desde então, nunca mais parou de se dedicar aos estudos afro-brasileiros. A orientação fundamental dos dois mestres ampliou sua compreensão sobre os costumes e expressões artísticas africanas e é destacada com reverência nas primeiras páginas de seus livros. Em 2002, publicou *Aguemon*, pela editora Martins Fontes, por ocasião do centenário de Verger. Pela Edições SM, lançou *Caminhos de Exu*, série azul da coleção Barco a Vapor, em 2005.



2008996275059

A COLEÇÃO

Histórias do Okú Láí Láí quer dizer “histórias de tempos muito, muito antigos”. Na língua yorubá, “okú” é o mesmo que “ikú”, morte. E “láí” significa passado. Okú Láí Láí! é, precisamente, a saudação de honra mais importante que se presta aos ancestrais.

Inspirada na mais exuberante e misteriosa figura do imaginário yorubá representada por Babá Egum (“babá” quer dizer pai e “egum”, espírito), o espírito dos ancestrais que retorna à Terra para visitar os familiares, a autora inicia esta coleção dedicada à divulgação da cultura dos candomblés evocando dois dos mais poderosos orixás de origem nagô: Eleguá – o imprescindível mensageiro de Olodumaré, o mesmo que Olorum, o deus supremo dos yorubás, e Yemanjá – a mãe do mundo e dos deuses yorubás.

Em sua reconstrução alegórica do mundo, estabelecida pela força da oralidade e da iconografia ritualística, todo o espaço dos livros é povoado de imagens, sons, afetos, marcas, reminiscências. Com isso, a autora reacende a importância de prestigiar a intelectualidade yorubana e o vínculo estreito, mas pouco lembrado, entre o Brasil e o continente africano.

A saudação é o movimento inicial; sinaliza a abertura, o pedido oficial de licença para adentrar em território sagrado: “Ago”, como se diz em yorubá. Em seguida, outras preciosidades da mitopoética jêje-nagô são trazidas com o objetivo de despertar os mitos: orikis ou poemas, orins ou cânticos, orações, onomatopéias, palavras mágicas – que também aparecerão durante e depois dos itans, as histórias narradas. A voz, acompanhada por palmas, gestos, danças e instrumentos, é apenas um dos recursos utilizados na comunicação.

Em seguida, um prólogo convida o leitor a refletir sobre as origens do Universo. E como as versões sobre o momento da criação variam no próprio território africano, cada livro da coleção traz uma delas.

Só depois disso, então, é que vêm as histórias. Nessa parte, a autora foge um pouco à tradição nagô, acrescentando elementos oriundos de vários itans. A linguagem utilizada por ela mantém todo o sabor da oralidade e cultiva a idéia de que o som e o significado das palavras são indissociáveis. O mergulho poético é intensificado com termos e exclamações do idioma original, introduzidos constantemente nos diálogos.

Na parte final, que varia de tamanho conforme a divindade homenageada, o livro traz curiosidades e informações extras





OFERENDA DA PAZ

As cerimônias de adivinhação sempre incluem a prescrição de um ebó, de uma oferenda. A finalidade do ebó é apaziguar o destino, seja ele qual for. Deve ser feito para uma pessoa em razão de alguma crise ou enfermidade, como um tratamento receitado por um médico. A fórmula varia, conforme a natureza do problema detectado na consulta. E para cada caso há um ebó. Essa oferenda revela-se como a maior fonte de comunicação entre todas as forças do Universo e estabelece um acordo de paz entre o orum (céu ou além) e o ayê (Terra ou mundo dos vivos). Desobedecer à indicação dada pelo jogo da adivinhação é contrariar o destino.

explicando por quê, depois de tanto tempo, esses santos-heróis continuam sendo lembrados fora da África.

O cruzamento desses múltiplos legados lingüísticos reflete um texto elaborado e acessível, constituído de uma simbologia coletiva e de uma utopia jêje-nagô, que ultrapassa o universo da religião e da cultura afro-brasileira para questionar a cena contemporânea mais ampla.

Cheias de humor e atitude, as ilustrações demonstram forte envolvimento com o divino e estabelecem conexões analíticas inusitadas que agregam consistência às narrativas.

Em sintonia com as tradições dos terreiros, os deuses são identificados por um sistema de cores aparentemente simples, porém rico em analogias. Esse código cromático está atrelado às modulações de temperamentos, aos poderes, às forças naturais e sobrenaturais e aos domínios em que as ações mágicas transcorrem.

Na geografia dessas histórias, tudo se reconcilia com as concepções cosmológicas dos povos jêje-nagôs. A África aqui apresentada é vasta: está estampada nos panos de fundo, na padronagem dos tecidos, nos adornos, nas pinturas de efun (em cor branca), na parafernália religiosa dos sábios, na geometria das formas, na fisionomia teatral e nas escarificações das faces humanas, nas comidas, na indumentária etc. Sempre se descobre algo novo ao olhar com atenção.

JÊJES E NAGÔS

Sobre a vinda dos escravos negros africanos para o Brasil, Pierre Verger informa que esta ocorreu em quatro períodos principais:

1. no século XVI, vindos da região da Guiné;
2. no século XVII, vindos da região de Angola e Congo;
3. no século XVIII, vindos da região da Costa da Mina;
4. e no século XVIII, entre 1770 e 1850, vindos da região da Baía de Benin.

Foi neste último período, segundo ele, que vieram os daomeanos, chamados jêjes, e os yorubás, chamados nagôs; estes predominaram por volta de 1830 – período de guerra e desordem em suas terras.

A TRADIÇÃO KÊTU

Um dos mais antigos reinos yorubás, criado ao mesmo tempo que os reinos de Savé e Oyó a partir das primitivas migrações do

LAÇO ENTRE DEUSES E HOMENS

O obi, ou noz-de-cola, é um dos mais poderosos axés que Olodumarê dispôs na natureza. Simboliza a união que os yorubás acreditam existir entre os deuses e os homens. A história conta que, antes de conhecer as propriedades divinatórias do obi, a humanidade só se comunicava com os deuses por meio do complexo sistema do Ifá e dos ikin, as sementes do dendezeiro, cuja operação é restrita aos babalaôs. Somente depois que Eleguá encontrou o obi, a humanidade passou a dialogar diretamente com os orixás. O obi é obrigatório em todas as ocasiões em que são feitas oferendas. Os orixás nunca recusam uma oferenda de obi. O obi é a oferenda por excelência.

O ORIXÁ DOS DESTINOS

Como ocorre com Obatalá, que também é conhecido como Oxalá, Eleguá é invocado sob vários nomes, títulos e apelidos. Uns dizem que são sete; outros, que são 21. A verdade é que Eleguá está difundido em toda parte. Está todo ligado em tudo. Possui um ogó magnético, um bastão, que atrai para perto dele coisas e lugares distantes. Supõe-se que seja muito bem informado. Sua saudação principal quer dizer “O comunicador!”, aquele que é responsável pelo entendimento geral entre as forças cósmicas, os deuses e os seres humanos, e pelo desentendimento também.

Na África yorubá, ele é Èsù Elégbará e preside a magia ao lado de Orumilá. Na cidade de Ijebu (Nigéria) dizem que Eleguá é o ancestral do primeiro rei dos egbás (um dos muitos grupos

povo de Ifé, Kêtu teria sido fundado por volta do século X por Sopaisan, segundo filho ou, mais provavelmente, neto de Odu-dua, o fundador de Ifé. Sopaisan teria encontrado o local ideal para se estabelecer, a mais ou menos 200 quilômetros de Ifé – a cidade mais sagrada dos yorubás –, em uma província já habitada por nativos fon. A convivência entre os dois grupos era boa.

Os estrangeiros passaram a ser chamados de “nagô” ou “anagô”. O termo acabou sendo usado mais tarde, pelos europeus, para designar todos os yorubás do oeste.

No curso do século XVIII, Kêtu tornou-se um ponto indispensável de transição para a costa e portos de comércio atlântico. Estrategicamente importante, era o último estado yorubá diante do território fon. Reino de médio porte, atravessou momentos de crise, mas um espírito de paz e tolerância em geral caracterizou sua vida cívica durante vários séculos. Kêtu nunca manteve um sistema de poder centralizado. Algumas famílias de linhagens reais se revezavam sob a coroa. As mais conhecidas são Alapini, Magbo, Arô, Meshá e Mefu. As primeiras ameaças e invasões dos daomeanos ao reino de Kêtu datam dessa época, que coincide com o período do tráfico de escravos para os portos americanos.

Sabe-se que várias personalidades importantes das famílias reais de Kêtu tornadas prisioneiras foram parar na Bahia, por impacto dessas guerras, entre elas sacerdotes, artistas, adversários políticos, inclusive duas irmãs gêmeas, princesas da real família Arô. Uma delas, Otampê Ojarô (contração de Oja Arô), fundou na Bahia, em inícios do século XIX, o candomblé do Alaketu (rei de Kêtu).

A versão mitológica da migração dos yorubás para outras regiões da Nigéria, encontrada nos versos do odu Ejiogbé de Ifá, confirma a posição de Olofi-Odudua como rei de Ilê-Ifé e líder dos orixás; e de Eleguá como o primeiro rei de Kêtu.

O IFÁ

É o grande oráculo dos yorubás e o seu berço é Ilê-Ifé. É o livro não escrito que contém todas as sabedorias e ciências; importante corpo de arte verbal que inclui mitos, folclores, expressões de louvor, encantações, cantigas e provérbios. Os princípios dinâmicos que atuam nesse sistema são simbolizados pelas divindades e transmitidos em forma de versos pelos babalaôs durante as consultas. Ifá

étnicos yorubás). Em Abomé, terra dos fon (capital do antigo reino do Daomé, atual Benin), ele é chamado de Legbá, está mais ligado à fertilidade e à fecundidade. Nas Américas, é popularmente conhecido como Exu Elegbára, Bará, Barabô, Elegbá, Eleguá. Dono das chaves que abrem e fecham as portas do céu e da Terra a deuses e mortais, é o guardião incontestável dos caminhos que levam a outros caminhos, que desembocam no caminho principal. Espião e mensageiro dos orixás, sem contar com ele não é possível fazer nada. Além de fiel mensageiro, Eleguá é, principalmente, o intérprete que traduz as orações humanas e os conselhos divinos em linguagem apropriada, isto é, na linguagem dos axés, pois a linguagem dos santos não é igual à dos homens. Seu papel é o de um diplomata, poliglota, recadeiro e astuto, que abre barreiras, proporciona acordos. Dizem que influi nas mínimas coisas, favorável ou desfavoravelmente. Está em suas mãos atrapalhar ou ajudar quem lher na veneta. Se mete em tudo, muito xereta, sempre disposto a fazer alguma travessura. Num piscar de olho, torce ou direciona a sorte. Propício, modifica a pior das situações; contrariado, é capaz de prejudicar o destino mais brilhante. É o orixá dos enganos, das grandes inseqüentes e irritantes ironias do destino, do inesperado e do imprevisível. Mas, se ele gosta de provocar confusão, tem em igual medida seu lado amável.

ACIMA DO BEM E DO MAL

Qualquer estudo sobre Eleguá é polêmico. Para os afro-descendentes, a participação dele nos acontecimentos primordiais é inquestionável. Para os europeus, contudo, sua reputação nunca

é o próprio deus da adivinhação e dos ikin, os caroços de dendê; é ele quem rege a intercomunicação entre os diferentes domínios do Universo e fornece as referências da memória coletiva desses povos. Não existe nenhum assunto que não possa ser revelado pelo Ifá.

Orumilá foi o primeiro babalaô (adivinho) e também responde pelo nome de Ifá.

Ifá é representado por 16 odus principais, que devem ser entendidos como capítulos do livro divinatório. Calcula-se que há um total de 4.096 odus. A cada odu se conecta uma série de histórias. Cada história representa um caminho, um destino. Os odus também se dividem entre as diversas especialidades médicas. Um rege o sistema respiratório. Outro, o aparelho digestivo. Há aquele que cuida do sistema nervoso, o que trata o aparelho reprodutor e assim por diante.

O Ifá ocupa lugar central na religião dos yorubás, bem como em sua estrutura social. Está relacionado à física, à matemática, à história, à filosofia e à medicina. Ao consultar o oráculo de Ifá, os yorubás podem ver o que aconteceu ou foi observado no passado, para que possam aprender com as experiências já vivenciadas.

No Brasil, essa tradição se perdeu. Com a abertura econômica das últimas décadas, o consumismo e a globalização, muitos sacerdotes acabaram simplificando a prática e perdurou o mais fácil, o “dilogun”, o jogo dos 16 búzios.

QUEM É ELEGUÁ

Todos os orixás receberam de Olorum seu axé, ou virtude, dom. Uma vez encerrada a grande tarefa de fazer o mundo, o Pai eterno repartiu o Universo entre seus filhos. Antes de se retirar para o orum, cada um dos príncipes recebeu, por méritos reconhecidos, o que hoje lhe pertence: Olokum, o mar; Aganju, o cerrado; Okê, as montanhas; Orixá Okô, os campos semeados; Ogum, os metais; Oxóssi, as matas; Ossain, as ervas, e assim por diante. A verdade guardada nessa interpretação é o fato de que todos os orixás vieram com uma missão para cumprir no ayê.

Por ser o caçula do clã, inicialmente Eleguá fica sem desempenhar cargo algum. Mimado, desobediente, não tem grandes nem pequenas responsabilidades. Apesar da personalidade brincalhona, travessa, do caráter irascível e inconveniente, é uma criança extremamente talentosa. Todavia, extrapola os limites da decência, e ninguém leva em conta suas qualidades. As pessoas não têm paciência, não querem e não sabem lidar com ele. Como

foi das melhores. Este livro dá ao leitor a possibilidade de conhecer o mito de Eleguá na sua origem mais primitiva; bem antes da chegada dos europeus à costa ocidental da África.

Divindade do fogo, Eleguá tem tudo que ver com a eletricidade, com o magnetismo dos corpos. Com o nome Exu Inã, foi ele quem trouxe o fogo (inã) à Terra. Durante a escravidão nas Américas, quando os negros africanos procuraram disfarçar os orixás aos olhares indiscretos dos europeus, dando-lhes nomes católicos, procurou-se para ele um santo associado ao fogo. Eis porque em Cuba tem como correspondente as almas do purgatório e na Bahia, o diabo. Muitas vezes é representado com chifres, que não indicam senão poder e prestígio, como todos os chifres. No Brasil, parece terem esquecido que Moisés também é representado com chifres.

Essa tendência fez com que muitas pessoas identificassem Exu com o mal, em oposição a Oxalá, que representa o bem. O caráter maligno de sua personalidade, pronunciado, sobretudo, nos terreiros angola e congo, praticamente anulou a qualidade fundamental e extremamente positiva que esse orixá tem como agente mediador das comunicações: amenizar e impedir os encontros brutais das forças da natureza, que, sem a sua hábil interferência, podem se traduzir em choques fatais.

Está correto afirmar que Eleguá é temido, porque ele pode praticar más ações. No entanto, a atitude dominante dos africanos para com ele não é mais de temor do que de afeto. Os jêjes e os yorubás acreditam que as forças sobrenaturais podem ser tanto benéficas como maléficas.

Por comparação, a figura mais similar encontrada nas mitologias do Ocidente seria o deus Hermes, dos gregos, o fiel mensageiro, filho de Zeus e da ninfa Maia que, na versão romana, é o deus Mercúrio, filho de Júpiter com Maia.

punição, sua presença é repudiada.

O desprezo e a rejeição são dos piores castigos que pode haver para uma criança. Eleguá não se conforma e ainda tenta uma reaproximação, oferecendo ao rei um singelo presente, a semente de obi, que gera algum efeito na hora, mas, três dias depois, cai no esquecimento. Sem água, o obi murcha, fica seco, perece, como uma flor abandonada. Esse evento simboliza a morte de Eleguá, sua passagem do ayê para o orum.

Uma série de situações inesperadas ocorre a partir desse ponto. A vida de todas as pessoas é afetada. Algumas sofrem mais, outras menos, mas o revés da sorte é geral. Recorrer ao Ifá parece inevitável e o rei pede ao babalaô para consultar o oráculo sobre a causa dos transtornos. O babalaô utiliza o opelê, o colar de favas, e os ikin, os caroços de dendê, no jogo da adivinhação. E a resposta sai no signo Okanrã. Esse é o odu em que Eleguá toma a voz para dizer que ninguém se lembra dele. A segunda resposta do jogo confirma o motivo da reviravolta. E a terceira dá o ebó que precisa ser feito para contentar Eleguá.

De acordo com a tradição, quando Eleguá parte do ayê para o orum, ele recebe, entre outros poderes, o título do primeiro signo Okanrã, o que lhe dá direito de falar quando esse odu sai no jogo do Ifá.

A estrutura das três perguntas é um procedimento fundamental. Para os yorubás, três é o número que confirma e desempata. Três vezes é uma só.

Para contornar a situação e prevenir novos transtornos, o babalaô prescreve um ebó, mas avisa que apenas isso não é suficiente para manter as coisas em ordem por longo tempo. Seria preciso tomar o cuidado de contentá-lo sempre, procurar tolerar suas brincadeiras e dar a ele o direito de comer primeiro nos dias de grande festa.

Por isso Eleguá é o santo que recebe as oferendas em primeiro lugar, e é o primeiro para quem se toca o tambor no culto aos ancestrais yorubás.

Essa espécie de esqueleto da mitologia permanece viva em todas as paragens sul-americanas, antilhanas e caribenhas. Os relatos e orikis que exaltam a importância desse orixá – e revelam por que devemos procurar tê-lo ao nosso lado em todos os momentos – são inúmeros.



O LIVRO EM SALA DE AULA

ANTES DA LEITURA

O primeiro contato com o livro pode vir de uma experiência estética: folheá-lo, observar a capa, a contracapa, os tamanhos e os tipos de letras, títulos, subtítulos, cores, texturas, ilustrações. Assim, os alunos vão aprendendo a desenvolver a capacidade de fazer antecipações sobre a leitura a partir das relações estabelecidas entre os elementos constitutivos do livro e o texto das histórias: quais são os elementos que indicam a provável origem da história? Como ela chegou até nós? Quais são as características físicas do personagem, como gênero, idade, traços étnicos e assim por diante?

Perguntar aos alunos quais as expectativas deles ou o que eles imaginam em relação ao título e à história, fazendo um levantamento sobre o que cada um sabe sobre o assunto, são maneiras de acionar o repertório individual, socializando-o e aquecendo a relação com o conteúdo.

DURANTE A LEITURA

A leitura compartilhada, em voz alta, com os alunos sentados em roda é uma dinâmica que cria um clima aconchegante, aproxima o grupo e permite que todos participem ativamente. Esse tipo de leitura é um recurso que pode ser usado para refletir sobre o sentido da história e seus ensinamentos. Ela deve ser feita por partes – mas antes precedida de uma leitura global, para não fragmentar a dimensão estética da narrativa.

É interessante chamar a atenção para o poder da palavra, motivando o grupo a pensar no cuidado com a pronúncia, com o tom de voz na transmissão da mensagem e com o compromisso estabelecido entre o real e o imaginário pelo uso da linguagem. O professor deve destacar que, entre os yorubás, a palavra é sagrada. A partir dessa reflexão, é possível fazer um reconhecimento dos tipos de comunicação (apitos, assovios, o obi, os ikin, o opelê) e das diversas formas de linguagem (saudação, provérbio, cantiga, poesia, sotaque, narrativa) encontradas no livro.

DEPOIS DA LEITURA

Vale a pena buscar mais referências sobre o personagem Eleguá nos sincretismos com outras religiões trazidas para o Brasil e levadas para outros lugares da América Latina. Esse é um tema que, geralmente, provoca animadas discussões.

Com a disciplina de história, o professor pode sugerir um estudo dirigido sobre as guerras ocorridas entre os povos jêje e yorubá e suas repercussões no território africano e no Brasil.



Para ampliar a compreensão dos alunos sobre o vocabulário afro-brasileiro, o professor pode pedir uma pesquisa para averiguar as palavras de origem africana que foram assimiladas pelo português falado no Brasil, provenientes dos diversos grupos lingüísticos: além do fon e do yorubá, há o banto, o nupe, o ibô, o akan, entre outros.

Como a narrativa tem origem na tradição oral dos itans, um bom exercício para treinar o vocabulário e a expressão é propor que alguns alunos contem a história para o grupo, à maneira dos griôs (na África Ocidental, os griôs são os responsáveis pela transmissão oral, de geração em geração, da história e das lendas do grupo).

Uma diversidade de projetos ecológicos pode ser criada a partir da leitura do livro.

- Sobre os sinais que a natureza dá hoje de prováveis desastres que podem ocorrer por conta das ações irresponsáveis das pessoas: quais são as conseqüências disso no futuro? O que pode ser feito no presente?
- Sobre a devastação ambiental no planeta a partir de pesquisa sobre o papel das sementes na continuação das espécies, como fonte geradora de vida.
- Sobre outros mitos dos jêjes e dos yorubás referentes aos elementos da natureza como mais um caminho para tratar da influência dessas culturas na formação da brasilidade; esse conhecimento certamente ajudará o leitor a compreender melhor a África e o negro no mundo contemporâneo.

SUGESTÕES DE LEITURA

INFANTO-JUVENIL

- *As panquecas de Mama Panya*, de Mary e Rich Chamberlin. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Cantos do Mundo.
- *Histórias de Ananse*, de Adwoa Badoe. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção Cantos do Mundo.
- *O chamado de Sosu*, de Meshack Asare. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Cantos do Mundo.
- *Caminhos de Exu*, de Carolina Cunha. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Barco a Vapor, série Azul, 10.
- *Mzungu*, de Meja Mwangi. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção Barco a Vapor, série Vermelha, nº 14.
- *Aguemon*, de Carolina Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- *Yemanjá*, de Carolina Cunha. São Paulo: Edições SM, 2007. Histórias do Okú Láí Láí.



- *O mapa*, de Marilda Castanha. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
- *Oxóssi, o caçador*, de Pierre Fatumbi Verger, com ilustrações de Enéas Guerra. Salvador: Corrupio, 1982.
- *Um passeio pela África*, de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- *Lendas africanas dos orixás*, de Pierre Fatumbi Verger e Carybé. São Paulo: Corrupio, 1983.
- *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás*, de Lídia Chaib e Elizabeth Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PARA O PROFESSOR

- *A África na sala de aula – Visita à História contemporânea*, de Leila Leite Hernandez. São Paulo: Editora Selo Negro, 2005.
- *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia – Um estudo das relações intergrupais*, de Vivaldo da Costa Lima. Salvador: Corrupio, 2003.
- *Antologia do negro brasileiro*, de Édison Carneiro. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros – como ialorixás e babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*, de Mãe Beata de Yemonjá. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- *O candomblé da Bahia*, de Roger Bastide. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- *O povo do santo – religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*, de Raul Lody. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- *Uma visita ao museu Afro Brasil*, de Ana Lucia Lopes e Maria da Betânia Galas. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2006.
- *África e Brasil africano*, de Marina Mello e Souza. São Paulo: Ática, 2006.

SITES

Casa das Áfricas: www.casadasafricas.org.br

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais: www.afroasia.ufba.br

Fundação Pierre Verger: www.pierreverger.org.br

Museu Afro Brasil: www.museuafrobrasil.com.br

Programa Mojobá: www.acordacultura.org.br

Elaboração do guia CAROLINA CUNHA E ANA LUCIA LOPES (ANTROPÓLOGA E COORDENADORA DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, SÃO PAULO); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI E CLÁUDIA RIBEIRO MESQUITA; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E GISLAINE MARIA DA SILVA